

A História e o Estado Actual da Diplomacia Cultural da China com Portugal

*Zeng Xiangming**

Portugal iniciou a era marítima, a sua história tem um valor de referência importante para o desenvolvimento actual da China. O presente estudo pretende propor, com base na análise da função e do valor da diplomacia cultural da China com Portugal e do ponto de partida de *soft power* cultural, as características da evolução e os desafios realistas, a estratégia que promove e desenvolve a diplomacia cultural da China com Portugal, para perservar os interesses nacionais da China no mundo de língua portuguesa. Ao mesmo tempo, visto que a relação sino-ocidental de sentido moderno se construe, desenvolve e evolue na base da relação sino-portuguesa, o presente estudo fornecerá um valor de referência para o pensamento teórico e a prática concreta da diplomacia cultural da China, bem como um significado inspirador profundo para a realização da estratégia “Uma Faixa Uma Rota”, que está a desenvolver-se no nosso país.

I. Olhar retrospectivo sobre a história da diplomacia cultural da China com Portugal

1. Perservar os interesses soberanos da China através da diplomacia cultural com Portugal entre 1949 e 1978

Após o estabelecimento da República Popular da China, para quebrar o embargo e o bloqueio pela união ocidental chefiada pelos Estados Unidos, o nosso país aplicou três táticas diplomáticas: uma foi depender do bloco socialista liderado pela União Soviética; outra foi lutar para granjear o apoio dos países afro-asiáticos e latino-americanos fuando independentes, a outra foi manter o *status quo* em Hong Kong e Macau, aplicando-lhes a política de “planeamento de longo prazo e melhor contrapartida”. Macau é uma janela que liga a China com o

* Doutorado, professor da Faculdade de Política e Educação da Universidade de Mineração e Tecnologia da China (Beijing), director do Departamento de Ensino e Estudo, dedicando-se principalmente no estudo de *soft power* político e cultural do socialismo com características chinesas

mundo exterior, o mundo de língua portuguesa apresentado por Portugal é resultado da luta da China. A 1 de Outubro de 1949, dia em que a nova China foi estabelecida, a parte chinesa dirigiu, na forma de ofício, *um Comunicado sobre o Estabelecimento do Governo Popular Central da República Popular da China*, aos governos dos diversos países, incluindo o governo de Portugal, declarando que “o governo da China está disposto de estabelecer relações diplomáticas com todos os países do mundo na base das princípios da igualdade, do benefício mútuo e do respeito mútuo pela integridade territorial e soberania.”¹ Em relação a Portugal, a China procurou o antigo Ministro de Portugal em Nan Jing, J.B. Ferreira da Fonseca, para a entrega do ofício. Após receber o ofício, J. B. Ferreira da Fonseca de imediato transmitiu por telégrafo o ofício e o conteúdo anexo ao governo de Portugal, e entregou o original do documento ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal no dia 10 de Dezembro de 1949. Ao mesmo tempo, remeteu um relatório extenso que se tratava da questão do reconhecimento da nova China.² Além disso, J. C. de Magalhães, Cônsul-Geral de Portugal em Cantão, A. Lopo Simões, Cônsul-Geral de Portugal em Xangai, E. Brasão, Cônsul-Geral em Hong Kong, A. de Faria, Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Secretário para os Assuntos Internos, e Albano de Oliveira, Governador de Macau, entre outros, apelaram para “reconhecer a China (República Popular da China) e estabelecer relações diplomáticas com a China.”³ No entanto, o governo de Portugal daquela altura aplicou à China a política de seguir estritamente os Estados Unidos da América para “manter a sua ditadura, o estatuto e interesses de Portugal em Macau”⁴. Insistiu, em relação à questão de Macau, que é o núcleo da relação luso-chinesa, na atitude de não cooperação e tentou em vão manter a governação colonial, e “ter o apoio do Reino Unido , ter Hong Kong como referência, comparar-se sempre com o Reino Unido....., aplicou a política da negação e demora....., se o Reino Unido não saísse

¹ Cao Yuezhu, *Exploração da Idéia da Governação de Mao Zedong antes do Estabelecimento da RPC* [J], Revista da Escola do Partido da RPC de Comité de Tai Yuan, 2005(4):16.

² Huang Qinghua, *História de Relação Lusa-Chinesa (Segundo Volume)* [M], An Hui: Editora Huang Shan, 2006: 1059, 1072, 1075.

³ Moisés Silva Fernandes, *Enquadramento das relações luso-chinesas entre 1949 e 1966*, in administração, Macau, NO. 40, vol. W1, 1998-2, p. 305

⁴ Huang Qinghua, *História de Relação Lusa-Chinesa (Segundo Volume)* [M], An Hui: Editora Huang Shan, 2006: 1059, 1072, 1075.

de Hong Kong, Portugal não iria devolver Macau.”⁵ O fundamento da política de Portugal foi manter os seus interesses na China, a essência foi continuar a administração colonial em Macau.⁶ Por outro lado, após o estabelecimento da nova China, tendo em consideração prevenir o bloqueio total dos Estados Unidos, evitar a dependência excessiva da União Soviética e construir a economia socialista, foi aplicada a política de “planeamento de longo prazo e melhor contrapartida”, não estado com pressa de recuperar Macau. O grande ambiente internacional determinou que a China ficasse no bloco socialista, de linha diferente com os países capitalistas, como Portugal. Pelo que, a China e Portugal tinham poucos contactos. Contactaram só para tratar dois conflitos emergentes por a autoridade portuguesa de Macau ter “violado a soberania territorial e das águas territoriais da China”, alegando como pretexto de estar indefinida a fronteira marítima⁷, e de dois incidentes⁸ criados pelo governo de Portugal e as autoridades portuguesas em Macau para continuar a administração colonial em Macau. Durante estes incidentes graves, a parte chinesa lutava com força, razão e controle para manter o interesse nacional e os direitos legítimos dos compatriotas de Macau. Emitiu um ultimato severo ao governo de Portugal e às autoridades portuguesas em Macau, espalhou a notícia de estar a preparar bloquear as autoridades portuguesas, e aplicou a propaganda cultural aos compatriotas de Macau, para procurar o entendimento e o apoio dos chineses de Macau.

Devido à medida da mudança da situação internacional, à melhoria das relações entre a China e os Estados Unidos, as sucesso da revolução “25 de Abril” de 1974 em Portugal, a elevação do estatuto internacional da China e a inevitabilidade da questão de Macau, Portugal começou a

⁵ Huang Qinghua, *História de Relação Lusa-Chinesa (Segundo Volume)* [M], An Hui: Editora Huang Shan, 2006: 1059, 1072, 1075.

⁶ Macau é o maior interesse de Portugal na China, o governo de Portugal e as autoridades portuguesas de Macau pretendem continuar permanentemente o “domínio colonial” em Macau; porém, a restrição do poder nacional de Portugal, o anti-colonialismo mundial, o poder nacional da China e não existir contrato entre a China e o Portugal a indicar que Macau pertence a Portugal, a autoridade portuguesa de Macau estava sempre com receio.

⁷ O incidente passou-se em Coloane em 6 de Março de 1950 e o conflito nas Portas do Cerco entre 25 de Julho e 25 de Agosto de 1952.

⁸ O incidente esta relacionado com as “Comemorações do 4.º Centenário de Macau” planeadas por Portugal em 1955 e a tragédia “Um, Dois, Três” ocorreu no dia 3 de Dezembro de 1966.

procurar contactos com a China, e atenuar as relações nervosas entre os dois países. No dia 13 de Setembro de 1974, Mário Alberto Nobre Lopes Soares, Ministro dos Negócios Estrangeiros, disse numa conferência de imprensa: “de certa modo, Macau não deve ser chamada uma colónia de Portugal, ela é apenas um centro de comércio, a questão sobre Macau, deve naturalmente ser tratada com a China através de conversas bilaterais, para determinar o novo estatuto de Macau. Estamos dispostos de desenvolver as relações com a China.”⁹ No dia 25 de Abril de 1976, a primeira “Constituição da República após a revolução de Portugal” não tratou Macau como colónia de Portugal, mas um “território sob administração portuguesa”¹⁰. Assim, a questão sobre a pertença da soberania de Macau foi resolvida em definitivo, o obstáculo essencial contra o desenvolvimento da relação luso-chinesa foi eliminado.

Ao mesmo tempo, através de actividades bilaterais ou multilaterais foi possível que a China fosse conhecida de melhor forma. Por exemplo, no ano 1955, a China declarou sinceramente à sociedade internacional na Conferência de Bandung a vontade de construir uma relação de amizade com todos os países do mundo na base dos cinco princípios da coexistência pacífica. Consequentemente, a China destacou um grande número de delegações de cultura e arte para os países asiáticos, africanos e latino-americanos para desenvolver as actividades de intercâmbio cultural, que promovessem o entendimento e a ligação emocional entre si, alargando a influência internacional da República Popular da China. Assim, foram feitas as preparações culturais necessárias para a construção de relações diplomáticas entre a China e os países de língua portuguesa, nomeadamente Moçambique, entre outros; também se estimulou que a sociedade de Portugal tivesse um conhecimento positivo sobre a nova China, estimulado pelo intercâmbio cultural. Naquela época o nosso país estabeleceu relações diplomáticas com cinco países de língua portuguesa, incluindo Moçambique, normalizando as relações com estes países. Depois, devido às mudanças das situações nacionais da China e de Portugal, bem como ao ambiente internacional, ambos conheceram a importância de quebrar as barreiras diplomáticas e de estabelecer a cooperação bilateral, encorajando através das actividades de intercâmbio

⁹ Biblioteca de Textos em Chinês. “Comparação das dificuldades do Retorno de Hong Kong e de Macau” [EB/OL].[2016-05-018]. <http://www.doc88.com/p-493504397610.html>

¹⁰ Moisés Silva Fernandes. *Sinopse de Macau nas relações Luso-Chinesas, 1945-1995*, Cronologia e Documentos, pp. 278, 676.

cultural, e preparando o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países em 1979.

2. A diplomacia cultural com Portugal entre 1979 e 2002 alargou os interesses políticos e económicos da China

A definição aberta na nova Constituição de 1976 de Portugal, segundo a qual Macau é um território chinês sob administração portuguesa forneceu uma nova oportunidade para o desenvolvimento das relações luso-chinesas. Através do esforço bilateral, a China e Portugal emitiram um *Comunicado Conjunto* no dia 8 de Fevereiro de 1979, através do que foram estabelecidas relações diplomáticas e ainda declararam especialmente que “Macau é território chinês, que está temporariamente sob a administração portuguesa por razões históricas”. A política da reforma e abertura da China também estimulou as relações entre os dois países. A partir daí, as relações luso-chinesas entraram num momento de bom desenvolvimento. Em relação à questão crucial que afectava as relações dos dois países, “as negociações sobre a questão de Macau foram difíceis, até aconteceu que a parte portuguesa ameaçou a China de se retirar das negociações a qualquer momento para que a China transigisse.”¹¹ Pelo que, após o estabelecimento das relações diplomáticas, as relações luso-chinesas focaram-se na determinação da data e da forma do retorno de Macau, bem como na propaganda diplomática, no intercâmbio cultural e nos contactos não governamentais.

Após resolver a questão fundamental da pertença de Macau do território chinês, deveria ser logicamente mais fácil a negociação sobre as questões concretas do retorno de Macau, aliás, “devido a certa vaidade da parte portuguesa, que não se esqueceu de manter a dignidade, considerando que a negociação não podia ser precipitada, tomando conta do tempo de dois anos que levou a negociação sobre a questão de Hong Kong entre a China e o Reino Unido, pensavam que a negociação sobre a questão de Macau devia demorar mais ou menos um ano, ainda seria preciso criar uns “obstáculos”, arranjar uns “episódios”, para “enriquecer” o conteúdo da negociações, senão, perante todo o mundo,

¹¹ Tan Chi Keong, *Toda a História sobre a Questão da Soberania de Macau (1553-1993)* [M]. Taiwan: Editora Yong Ye, 1994: 281-286.

a comparar com os britânicos, os portugueses iriam perdera face!”¹² Perante esta atitude da parte portuguesa, a parte chinesa tirou aproveitamento oportunamente da função da diplomacia cultural. No início da primeira ronda das negociações, o chefe da delegação chinesa, Zhou Nan, conhecido como “poeta diplomático”, citou “ao refluxo o rio está calmo e sem vento, estou ao seu lado neste pequeno barco”, um verso do poema “Perguntar à Pessoa no Barco ao Passar pelo Rio Qiantang” de Meng Haoran, antigo poeta da Dinastia Tang, o que demonstrou a vontade de bem resolver a questão do futuro de Macau em conjunto com a parte portuguesa. Após entrar na sala para a segunda ronda das negociações, após Zhou Nan se abraçar ao chefe da delegação portuguesa Rui Medina, ele contou a história de Gu Kaizhi, antigo pintor chinês da Dinastia Jin, de quem comia a cana-de-açúcar começando pela parte superior¹³, aproveitando esta citação literária de “vai cada vez melhor”. Aludindo, por um lado, às negociações sino-portuguesas que se desenvolviam cada vez melhor, por outro, fazia votos de bom futuro nas negociações. Após terminar a segunda ronda das negociações, os membros da delegação chinesa acompanharam a delegação portuguesa a visitar uns vestígios históricos da China, esperando que ficassem com mais vontade de conhecimento sobre a China após conhecerem mais profundamente a cultura e a sociedade da China, logo que terminassem as negociações. Durante a terceira ronda das negociações, Zhou Nan citou um verso do poema “Outuno” de Liu Yuxi, antigo poeta da Dinastia Tang: “um grou lançou-se ao céu límpido, a minha vontade de cantar o poema voa nas nuvens”¹⁴ Zhou Nan utilizou estes versos para mostrar o bom sucesso das negociações, ao que acrescentou um sentido artístico, ajudando o bom sucesso das negociações.

¹² Huang Qinghua, *História de Relação Lusa-Chinesa (Segundo Volume)* [M], An Hui: Editora Huang Shan, 2006: 1059, 1072, 1075.

¹³ Segundo a “História de Gu Kaizhi, Volume de Jin”, “Gu Kaizhi comia a cana-de-açúcar sempre começando desde à parte superior até a parte inferior, as pessoas achavam-no estranho. Explicou: “vai cada vez melhor””, isto é, a parte inferior é mais doce que a parte superior, comer desde a parte superior até à parte inferior, quanto mais se come, mais doce.

¹⁴ “Outuno” de Liu Yuxi da Dinastia Tang: “desde tempos antigos, os escritores, os poetas lamentam que o Outuno seja deprimente, desolador, mas digo que o Outuno é melhor que a primavera. Um grou lançou-se ao céu límpido, a minha vontade de cantar o poema voa nos nuvens.”

Durante o período de transição da administração de Macau, a China impulsionou o governo de Portugal e as autoridades portuguesas de Macau a realizar a “oficialização do chinês”, a “localização dos quadros” e a “localização do direito”. Por exemplo, o governo português de Macau estipula no Boletim Oficial de 20 de Fevereiro de 1989 que “as leis próprias do governo do Território devem ser publicadas acompanhadas da respectiva tradução em língua chinesa para valer como lei”. O governo de Portugal decretou o Decreto-lei n.º 455/91 no dia 31 de Dezembro de 1991, que declarou “a língua chinesa tem em Macau estatuto oficial e a mesma força legal que a língua portuguesa.”¹⁵ Na passagem do século XX para o século XXI, uma parte dos processos já podiam ser julgados directamente em chinês. No dia 21 de Dezembro de 1999, o Ministério da Cultura organizou no Centro Cultural de Macau o sarau “Amor a Macau e Amor à China”, que é composto por “prólogo”, “Céu- Milénio da China”, “Terra- Beleza da China”, “Pessoa – Apego à China”, “Harmonia- Amor à China” e “Capítulo final”, tendo sido suficientemente demonstrado o amor e a afeição dos compatriotas chineses ao país. O retorno de Macau fez com que as relações sino-portuguesas entraram numa fase de primavera.

3. A diplomacia cultural com Portugal desde 2003 aumentou os diversos interesses estratégicos da China

Foi criado no ano 2003 o “Forúm Luso-Chinês” em Macau pela China, Portugal e outros países de língua portuguesa, isto é, um mecanismo de cooperação institucionalizada, tendo a língua e cultura portuguesas como laço e significa que as relações sino-portuguesas entraram numa fase totalmente nova.

Na área económica, o volume de comércio entre a China, Portugal e o complexo de países de língua portuguesa subiu de 10 bilhões dólares americanos no início do estabelecimento do Fórum em 2003, até 128,8 bilhões dólares americanos em 2012, o que significa mais de dez vezes de crescimento, sendo o resultado muito encorajador. No ano 2003, o volume do comércio bilateral entre a China e Portugal foi apenas de 596 milhões de dólares americanos e em 2012, subiu a um pico de 4.015 milhões de dólares americanos; posteriormente, afectado

¹⁵ Huang Qichen, “Toda a História sobre a Questão da Soberania de Macau” [J], *Estudo de História e Geografia das Regiões Fronteiriças da China*, 1999(2): 92.

pela crise financeira mundial, registou uma queda, mas mantinha-se por volta dos 3 bilhões de dólares americanos. Portugal está a tornar-se uma janela importante para o capital chinês explorar o mercado europeu e dos países de língua portuguesa. Na área política, a situação internacional semelhante em que os dois países se encontram faz com que tenham opiniões semelhantes em muitas questões internacionais, sendo capazes de entender as aspirações políticas internacionais de outra parte, fáceis de chegar a entendimento tácito ou a relações de cooperação estratégica. Foi estabelecida uma relação de parceria estratégica global de cooperação em 2005. Nota-se uma boa tendência de desenvolvimento pertinente nas relações políticas e diplomáticas entre a China e Portugal. Na área cultural, a cooperação e o intercâmbio entre os dois países registaram um grande avanço. Sob o quadro da parceria estratégica global, foram celebrados uma série de acordos de cooperação cultural e educativa, a fim de alargar o intercâmbio humano e cultural, promover os contactos culturais, aprofundar a cooperação compreensiva nas áreas da língua, cultura e turismo, entre outros, dos dois países. Tendo como exemplo a educação, segundo estatísticas incompletas, no final de 2015, o número de estudantes de nacionalidade da China Continental que estudam em Portugal é de cerca de 460, incluindo, cerca de 40 enviados oficialmente pelo governo da China, que principalmente estão espalhados pelas universidades famosas de Portugal, tais como a Universidade de Lisboa, a Universidade Técnica de Lisboa, a Universidade de Coimbra, etc.. Os estudantes de nacionalidade portuguesa que estudam na China Continental são cada vez mais. Em 2008, havia cerca de 220 estudantes de nacionalidade portuguesa que estudavam nas universidades de Beijing, Shanghai, entre outras cidades, aumentando para 385 estudantes em 2011. A cooperação cultural estimulou o entendimento e a confiança entre a China e Portugal. De certo modo, “granjamos uns amigos portugueses que conhecem a China, que são simpáticos com a China e sempre a favor da China”, assim se elevando a influência da China e da cultura chinesa em Portugal.

II. Grandes desafios da diplomacia da China com Portugal

1. Estudo relativamente fraco sobre as realidades nacionais de Portugal

A falta de conhecimento profundo sobre Portugal e o mundo de língua portuguesa é um problema difícil que precisa de ser resolvido quando

se trata das relações sino-portuguesas. Devido ao realismo das necessidades, o estudo da sociedade internacional pela China foca-se nos grandes países, não prestando muito atenção aos países médios e pequenos, como Portugal. Por exemplo, actualmente os institutos de estudo sobre a Europa concentram-se no estudo dos grandes países como a Alemanha e a França, prestando pouco atenção aos pequenos países da Europa. Além disso, o nosso país também carece de estudo sobre o “mundo de língua portuguesa” formado por causa de fontes históricas especiais. Não é prestada atenção suficiente ao valor especial de Portugal no mundo de língua portuguesa, de forma que não há conhecimento suficiente e detalhado sobre as situações étnicas, políticas, culturais e religiosas de Portugal.

Com o estabelecimento das relações diplomáticas, do fórum luso-chinês, especialmente da relação de parceria estratégica global entre os dois países, a China tem prestado cada vez mais atenção e estudo a Portugal. Também foram criados institutos especiais para estudos sobre Portugal. Por exemplo, foi criado o Centro de Estudo dos Países de Língua Portuguesa na Universidade de Economia e Comércio Internacional em Janeiro de 2012 e o “Centro de Língua e Cultura Portuguesa Camões- Universidade de Línguas Estrangeiras de Beijing – Universidade de Lisboa” foi criado na Universidade de Línguas Estrangeiras de Beijing em Maio de 2014. Aliás, ainda se nota que é obviamente insuficiente a atenção que a China actualmente presta a Portugal. Por um lado, não há muitos institutos e pessoas que estudam global e profissionalmente sobre Portugal, enquanto o trabalho prioritário actualmente se limita ao ensino da língua portuguesa e ao intercâmbio da língua e cultura portuguesas, sem recursos para tratar as situações políticas, económicas e sociais de Portugal; por outro lado, por interesse nosso, consideramos sempre Macau como a janela para estudar Portugal, através do qual se estudam os países de língua portuguesa da Europa, África e América Latina, particularmente Angola, Brasil que exercem maior influência perante a necessidade de recursos da China. O que resulta numa situação especial em que os outros países de língua portuguesa ganharam mais atenção do que Portugal, que é o ponto de partida do estudo.

2. Falta de apoio suficientemente conotado com as relações sino-portuguesas

Existe risco sistemático nas relações sino-portuguesa manifestado em dois aspectos. Antes de mais, o desequilíbrio do desenvolvimento económico e comercial entre os dois países. Primeiro, a cooperação eco-

nómica e comercial entre a China e Portugal tem uma boa perspectiva e tendência, no entanto, a sua dimensão é sempre muito limitada (veja a tabela I). Os dois países não são países de importação e exportação importante para a outra parte. Conforme as estatísticas do Gabinete de Estatísticas da União Europeia, o volume do comércio bilateral da China e de Portugal foi de 2.910 milhões de dólares americanos em 2015, do qual, as exportações de Portugal para a China foram de 930 milhões de dólares americanos, o que representa 1,7% do volume total das exportações de Portugal; as importações da China foram de 1.980 milhões de dólares americanos, o que representa 3,0% do volume total das importações do país; a China é o 10º mercado das exportações e a 7ª fonte das importações de Portugal, e este é o 59º país de exportações e o 79º país de importações da China. Segundo, a relação comercial entre a China e Portugal demonstra um quadro “produto final VS produto primário”. Isto é, a maioria dos produtos importados de Portugal para a China são produtos primários, enquanto os produtos exportados para Portugal são na maioria produtos finais. Em segundo lugar, existe risco nas a relações diplomáticas entre a China e Portugal. Actualmente, a China e Portugal estão ligados por uma parceria estratégica global, mas observa-se a dissimetria neste tipo de relações, que não são profundamente realizadas. Observa-se que Portugal deseja adquirir o apoio económico e tecnológico da China, a fim de aliviar a crise de dívida soberana; enquanto a China deseja ganhar o apoio moral de Portugal na área política de “Uma China” e o apoio necessário para adquirir recursos e mercado na União Europeia, África, América Latina. Este tipo de complementariedade entre os dois países pode promover a cooperação entre si, mas por falta de objectivos comuns suficientes, torna-se de certo modo difícil de coordenar, até pelo pouco aproveitamento, que causaria certos riscos indeterminados.

Tabel I Mapa estatístico do comércio bilateral entre a China e Portugal e importações e a exportações da China entre 1999-2015

Ano	Volume de comércio entre a China e Portugal (milhões de dólares americanos)	Volume de importações e exportações da China (milhões de dólares americanos)	Proporção do volume de comércio entre a China e Portugal/volume de importações e exportações da China (%)
1999	258,28	360.630	0,072
2000	311	474.290	0,066

Ano	Volume de comércio entre a China e Portugal (milhões de dólares americanos)	Volume de importações e exportações da China (milhões de dólares americanos)	Proporção do volume de comércio entre a China e Portugal/volume de importações e exportações da China (%)
2001	333	509.650	0,065
2002	384	620.768	0,062
2003	596	851.200	0,070
2004	869	1.154.740	0,075
2005	1.236	1.422.110	0,087
2006	1.718	1.760.690	0,098
2007	2.211	2.173.830	0,102
2008	2.690	2.561.630	0,105
2009	2.404	2.207.270	0,109
2010	3.051	2.972.760	0,103
2011	3.964	3.642.100	0,109
2012	4.015	3.866.760	0,104
2013	3.900	4.160.000	0,094
2014	3.230	4.303.000	0,075
2015	2.910	3.768.800	0,077

(NB: Elaborado conforme dados da alfândega da China)

3. Planeamento estratégico e mecanismo de coordenação imperfeito

Como se sabe, actualmente, os assuntos concretos da diplomacia cultural com Portugal são tratados respectivamente por vários serviços, nomeadamente o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação e a Comissão dos Assuntos Externos do Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês. O grande número de órgãos de decisão e de execução em termos de intercâmbio cultural aumenta a dificuldade de coordenação relativa aos assuntos diplomáticos e culturais com Portugal. De momento, ainda não há medidas prontas para reunir estes meios. Ao mesmo tempo, perante a hegemonia discursiva ocidental em todo o mundo, os media controlados pelo capital ocidental não fazem relatórios justas sobre a China há muito

tempo, de forma que a opinião pública e a imagem da China em Portugal são desfavoráveis. Além disso, fazer propaganda da imagem da China no exterior, muitas vezes carece de estudo cuidadoso, carecendo os métodos de ser também melhorados. Por exemplo, em 2011, o nosso país gastou grandes montantes para lançar no estrangeiro o Filme sobre a “Imagem Nacional da China. A sua intenção foi mostrar e criar uma boa nova imagem internacional da China” mas, conforme inquérito da Empresa de Radiodifusão Britânica (BBC), entende-se que não atingiu o efeito desejado. O professor Kineta Hung da Universidade Baptista de Hong Kong analisa que “por um lado, um filme sobre a imagem nacional faz com que os estrangeiros se sitam nervosos; por outro, a imagem não pode ser “criada” por um filme, a realidade parcial é suspeita de criar uma imagem falsa, a propaganda desta forma provalmente causaria efeito negativo.”¹⁶ Pelo que, a China deve coordenar os meios dos diversos serviços, estudados cuidadosamente e desenvolver a diplomacia cultural com Portugal.

III. Estratégias para melhorar a diplomacia cultural da China com Portugal

1. Construir o novo modelo integrado “Três Meios Um Público-Alvo”

O modelo “Um Público-Alvo”, isto é, tendo o povo português como público-alvo da diplomacia cultural da China com Portugal, inova os produtos culturais e a forma de intercâmbio conforme o gosto e os costumes do povo português. A assimilação do *soft power* da cultura não só depende de esta cultura ser avançada ou não, como também o nível de internalização do público-alvo. Só aquela que tem ressonância na procura espiritual do povo português poderá ser internalizada no valor cultural e no objectivo comportamental do povo português, só assim vai ser entendida a cultura chinesa.

O medelo “três meios”, isto é, coordenar a diplomacia cultural com Portugal em três aspectos. Primeiro, a diplomacia cultural que o governo chinês aplica ao governo português deve ter em consideração principalmente formular as políticas pela visão macroscópica, celebrar

¹⁶ “Influência negativa criada pelo Filme da Imagem Nacional da China” [N], Jornal Xin Kuai, 17 de Novembro de 2011.

contratos de cooperação, organizar ou coordenar as respectivas instituições para que o intercâmbio e a cooperação cultural sejam feita ordenadamente entre si. Segundo, o governo chinês deve tomar uma atitude mais aberta e abrangente para organizar oportunamente a diplomacia cultural com o povo português. Aproveitando activamente os recursos culturais qualificados e variáveis do nosso país, desenvolver actividades diversificadas de intercâmbio cultural, para que o povo português possa conhecer melhor as situações nacionais da China, o governo chinês e o socialismo com características chinesas, bem como a cultura chinesa, perservando a boa imagem nacional da China. Terceiro, encorajar e apoiar o intercâmbio cultural não governamental. As relações entre os países depende das relações entre os povos. É necessário acentuar a intimidade das culturas e a ligação emocial dos dois povos, encorajar e apoiar as associações civis, empresas privadas, indivíduos e compatriotas no estrangeiro para se dedicarem ao intercâmbio cultural com Portugal, de forma a aprofundar o conhecimento sobre os costumes sociais e a história humana entre os dois povos, como também a fortalecer os fundamentos da amizade entre os dois países.

O chamado “integrado”, significa que a diplomacia cultural com Portugal deve ser integrada na estratégia diplomática da China. Por um lado, a diplomacia cultural deve ser integrada na diplomacia da China com Portugal, articulando-se inteiramente com a diplomacia económica, política e militar, constituindo em conjunto o sistema orgânico da diplomacia com Portugal; por outro lado, tendo em conta a influência importante que Portugal exerce nos países de língua portuguesa, particularmente em termos de língua e de cultura, costumes sociais e sistema jurídico, a diplomacia cultural não se deve limitar só a Portugal mas, com base nela, intergroun-se na diplomacia cultural do o mundo de língua portuguesa.

2. Aprofundar o trabalho diplomático cultural com Portugal

Primeiro, deve compreender as situações do país e as opiniões do povo, e estabelecer a ligação emocional. Portugal é um país pequeno entre os países desenvolvidos, a China é um país grande em desenvolvimento, de certo modo os dois países facilmente se aproximam; por outro lado, o povo lusitano é igual ao o povo chinês, pois ambos passaram a fusões éticas durante milhares de anos, ambos possuem uma rica cultura tradicional, e uma história orgulhosa. Nos tempos modernos, ambos

procuram grande rejuvenescimento da própria nação. Pelo que, é mais fácil criar ressonância. Desde que compreendamos profundamente a cultura, a história e os costumes sociais dos portugueses, apliquemos uma atitude pragmática, fortaleçamos o intercâmbio e a cooperação cultural com Portugal, organizemos o intercâmbio cultural que lhe favorece, a parte portuguesa vai responder positivamente. Por exemplo, durante as visitas a Portugal, além dos necessários encontros oficiais, deve haver mais contacto com a população portuguesa, conhecer a sociedade portuguesa, e prestar homenagem aos heróis portugueses, a fim de estimular que o povo português conheça mais sobre a China e alargar a influência ao povo português.

Segundo, conforme as características das políticas culturais de Portugal, a diplomacia cultural da China deve concentrar-se mais no público-alvo. Desde que Portugal saliente a política de cooperação linguística e cultural portuguesa, reforça efectivamente a cooperação neste aspecto. Exercendo Portugal actividades de intercâmbio cultural no exterior, principalmente através de instituições semi-oficiais como o Instituto Camões, universidades e institutos de estudo, deve reforçar por iniciativa própria a ligação com estes institutos e tomar medidas concretas através do Instituto Confúcio e universidades. Particularmente pode construir-se o Instituto Confúcio numa marca cultural de ligar o “Sonho da China” e “Sonho de Portugal”, e que reflecta o “*soft power*” da China. Correspondendo à atenção da criação cultural de Portugal, deve reforçar-se a criação cultural da nossa parte, produzindo mais trabalhos culturais consoante os gostos dos portugueses, ao mesmo tempo, encorajando e apoiando as empresas culturais qualificadas para participarem na cooperação relativa à indústria criativa cultural de Portugal.

Terceiro, prestar atenção à educação cultural dos jovens portugueses. Por um lado, ao desenvolver actividades de intercâmbio cultural com Portugal, deve ter-se particularmente os jovens portugueses como objectivo, organizando projectos especiais conforme os gostos dos jovens portugueses; por outro lado, devem tomar-se medidas efectivas de atrair jovens portugueses para estudarem e viajarem na China. Por exemplo, podem simplificar-se as formalidades de emissão de visto para os cidadãos portugueses, aumentar o montante e o número de bolsas para os estudantes portugueses, especialmente dar-lhes oportunidades de ficarem longo tempo na China a estudar ou a trabalhar, assim que sentiam e percebam a China e a cultura chinesa no mesmo país.

Quarto, orientados pela cultura, procurando oportunidades económicas, especialmente cooperação na indústria cultural sino-portuguesa. O Fórum luso-chinês constitui uma boa plataforma para o desenvolvimento da relação sino-portuguesa. Sob o mecanismo do Fórum, criar um novo ponto de crescimento pela cooperação industrial cultural, fazendo com que Portugal dependa mais economicamente da China; concentrar-se a desenvolver a cooperação industrial cultural, de forma a que a cultura chinesa possa penetrar na vida diária e no entretemimento do povo português.

Quinto, sistematizar a diplomacia cultural com Portugal. Embora se observe um bom desenvolvimento na relação luso-chinesa e um bom resultado de trabalho, descobrimos que as nossas actividades culturais na sua maioria são ocasionais, não se encontra formado um mecanismo fixo, estando susceptíveis às circunstâncias. Pelo que se torna necessário concretizar detalhadamente, sistematizar e institucionalizar os trabalhos da diplomacia cultural com Portugal, celebrando cláusulas jurídicas necessárias para garantir a continuação dos trabalhos diplomáticos culturais com Portugal.

3. Fortalecer a construção da plataforma de Macau e o seu *soft power*

Macau é o centro da fronteira onde se mistura a política, a economia e a cultura dos dois países. De certo modo, Macau compreende melhor a cultura política, os costumes sociais e os sentimentos éticos dos dois países, tem plataforma de entender e comunicar entre as duas partes. Aproveitar a vantagem de plataforma de Macau tem sentido estratégico importante para aprofundar a relação sino-portuguesa. Antes do mais, deve reforçar-se o estudo sobre os países de língua portuguesa em Macau. Com base no centro de estudo dos países de língua portuguesa, podem coordenar-se os recursos interiores e exteriores sobre as situações nacionais e sociais e os costumes dos países de língua portuguesa para um estudo global, consolidando o poder discursivo de Macau, de forma a que Macau se torne como sede de estudo sobre os países de língua portuguesa.

Em segundo lugar, fortalecer a protecção do património cultural e histórico de Macau. Macau tem maior homogeneidade com os países de língua portuguesa em termos de língua e cultura, costumes sociais, sistema jurídico, entre outros. Proteger os vestígios históricos e culturais de Macau pode fazer com que Macau seja mais atractivo aos países de língua

portuguesa, consolidando os laços culturais e emocionais entre a China e os países de língua portuguesa, de forma que Macau sirva de cabeça-de-ponte para a ligação entre a China e os países de língua portuguesa.

Em terceiro lugar, promover serviços financeiros modernos e a formação de talentos de língua portuguesa. Macau pode aproveitar as vantagens financeiras e de porto franco, e exercer a função de liquidação de câmbio, de garantia financeira às empresas, e de ponte de cooperação comercial. Além de construção de plataforma financeira, também é necessário aproveitar a vantagem da criação de talentos, formando activamente talentos na área financeira, tradução, contabilidade e gestão, que com domínio das duas línguas, melhorando a vantagem de ambiente *soft* de Macau.

Por fim, reforçar a propaganda no exterior das vantagens da plataforma de Macau. Macau pode prestar serviços de facilidades para actividades oficiais ou comerciais com os países de língua portuguesa a favor da China; pode também ser útil para estabelecer ou fortalecer as relações com a China a favor dos países de língua portuguesa. O governo e as respectivas organizações da RAEM devem intensificar a propaganda na China Continental, Hong Kong e Taiwan, fazendo com que os empresários, banqueiros, estudiosos e media chineses de todo o mundo conheçam suficientemente o valor especial da plataforma de Macau na estímulo de contactos entre a China e os países de língua portuguesa; devem também fazer propaganda nestes países, incluindo Portugal, de forma a que se perceba a vantagem particular de Macau para estreitar as relações entre eles e a China. Assim, poderá ser exercido verdadeiramente a vantagem de intermediário de Macau.